

*

Em todo o caso, e a despeito da difficuldade da leitura em duas das inscripções transcriptas, conclue-se que, na epocha luso-romana, a infernal Prosérpina possuia santuarios no Alto-Alemtejo, onde recebia culto muito vivaz. Naturalmente aqui Prosérpina identificava-se tambem com Adaegina ou Ataegina, nome barbaro de uma deusa, cujo culto, a julgar do texto de várias inscripções romanas, publicadas no vol. II do *Corp. Inscr. Lat.*, se estendia por uma área bastante extensa, na bacia do rio Ana (Guadiana).

J. L. DE V.

Antigualhas das proximidades de Lisboa

Nem calarei antigualhas, que por suas cans, e longos annos, não somente agradam aos olhos, mas eriam no animo graves e doces considerações.

G. ESTAÇO, *Varias antig. de Port.*, prol., § 9.

Quando o trabalho de gabinete ou outros me deixam livres os domingos, emprego-os ás vezes em fazer excursões pelos arredores da capital, a fim de colher elementos para os meus estudos.

Vou aqui reunir as noticias archeologicas que tenho assim obtido, juntando-lhes outras provindas de diversas fontes. Não seguirei ordem topographica nem chronologica, pois estes artigos não passam de meros apontamentos.

1. Ruinas romanas da Malveira de Cascaes

A Malveira é um logarejo situado perto da Serra de Cintra e do mar, no concelho de Cascaes. Divide-se em dois logarejos secundarios: Malveira-de-Baixo e Malveira-de-Cima.

Estive lá com varios amigos em Maio de 1895.

Não encontrei vestigios de castros, nem antiguidades prehistoricas; comtudo o povo conhece as «pedras de raio» ou «coriscos», o que prova o apparecimento de machados neolithicos.

Tendo procurado rastos de outras antiguidades, isto é, «coisas do tempo dos Moiros», que é a linguagem que o povo entende melhor, vim a saber que ao pé da Malveira, no *casal do Barril*, havia um

sítio denominado *Mirôços*¹, onde appareciam quaesquer ruínas. Corri lá com os meus companheiros do passeio².

A primeira cousa que chamou a attenção foi a quantidade de tijolos grossos, uns rectangulares, outros quadrados, que juncam a terra. O homem que nos serviu de *cicerone* disse tambem que d'alli tem sido levados para fóra grandes porções de tijolos. Entre os tijolos achei numerosos fragmentos de *imbrices*, e alguns de *tegulae*. Tanto as tegulas como os tijolos propriamente ditos eram, ora de barro branco, ora de barro vermelho. Ao mesmo tempo achei com elles parte de uma *mola manuaría*. Sem duvida estavamos no recinto de uma antiga estação romana.

O *cicerone* accrescentou que em tempo se haviam descoberto várias casas de tijolo, que elle viu. Actualmente póde ali observar-se a descoberto apenas a parte inferior de uma edificação de alvenaria, a que o povo chama «casa dos Moiros», pois, segundo elle, alli habitaram outr'ora «os Moiros». A «casa dos Moiros» constitue pouco mais ou menos um rectangulo, cujos lados medem por fóra 2 e 3 metros. A largura das paredes anda por 0^m,50. A profundidade da casa não a pude avaliar, por esta estar cheia de pedregulho e terra. As pedras da parede estão ligadas entre si por argamassa muito dura como noutras construcções romanas que tenho visto. Informou o *cicerone* que dentro da casa se tinha achado uma «pucara» vazia.

Infelizmente não consta que por lá apparecessem inscripções, ou moedas, que pudessem elucidar á cêrca da data da construcção.

Só, se se fizessem escavações, se poderia affirmar com certeza se naquelle local houve uma povoação, ou uma simples *villa* romana (i. e., quinta e casa); a quantidade de objectos de barro faria antes pensar em povoação.

A situação não era má, pois ficava á vista do oceano, que dista uns dois kilometros.

*

Como terei occasião de dizer adeante, todos aquelles sítios revelam muitas antiguidades de diversas epochas. O povo (sobretudo as velhas), insiste em que «por alli estiveram d'antes os Moiros». Ha

¹ É a pronuncia local de *morouços*. Em povoações vizinhas ouvi tambem *Mirôcios* e *Mirôços* como nomes de outros sítios.

² Os srs. Leandro de Mello, Thomás Coelho, Francisco de Paula e Mello, e J. J. Diniz.

mesmo ao pé da Malveira um sitio denominado a «Costa do Moiro», mas onde não consta que apparecesse nada antigo. Um homem da Malveira disse-me que uma vez achara «um pedaço de barro comprido com um buraco»: evidentemente um *pondus* de alguns dos typos publicados n-*O Archeologo*, pag. 23 e 105, ou analogos.

2. Sepulturas romanas de Caparide

Em 9 de Junho de 1895 estive em Caparide, concelho de Cascaes¹. Varios camponeses, com quem fallei, tinham-me dito que havia lá apparecido uma «pedra com letras», e eu não podia deixar de ir ver o que era. Felizmente o passeio foi coroado de bom resultado, pois encontrei duas tampas de sepulturas romanas, de calcareo (pedra lioz), uma com inscripção, outra anepigrapha.

1. Eis o desenho da mais importante das tampas sepulcraes:



Comprimento do monumento: 0^m,81; altura 0^m,38; largura na parte inferior 0^m,45. Tem, como se vê, fôrma abaulada; é excavado por baixo, exactamente como uma tampa; lembra em todo o sentido a cobertura dos modernos caixões mortuarios, taes como se usam em Lisboa. Faz tambem lembrar as sepulturas em fôrma de pipa, que apparecem bastante no Alemtejo e Algarve; só nestas, pelo menos nas que tenho visto, a inscripção é em cima, e não na frente.

¹ Nesta excursão foi meu companheiro o sr. Leandro de Mello.

A inscripção está muito clara:

L·IVLIVS·FV^s
CVS·H·S·E·
IVLIA·FESTA·
FIL·F·C·

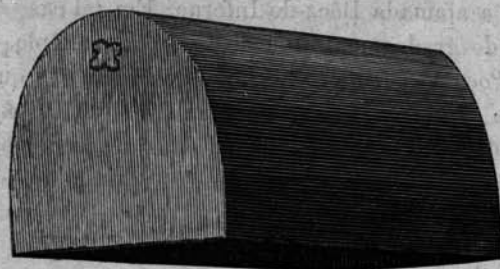
Adeante do L da primeira linha já não se vê ponto, mas, a julgar do resto da inscripção, devia te-lo tido, e por isso o pus. O S da última linha é um pouco menor que as outras letras, e está um pouco elevado. A haste vertical do T da terceira linha sóbe acima da haste horizontal um quasi nada, dando á letra o aspecto de cruz, como se vê no desenho. A inscripção termina em ponto, e todas as palavras estão separadas por pontos, ainda mesmo quando acabam linha. A altura das letras é de 0^m,05.

Traducção:

Lucio Julio Fusco está aqui sepultado. Sua filha Julia Festa mandou fazer (este monumento).

Esta lapide appareceu no campo chamado «Goilão», contiguo a Caparide. O dono do campo disse que por baixo d'ella havia alvenaria, — certamente o caixão sepulcral —, mas não encontrou ossos, nem objecto algum. Estive tambem nesse campo, e nada vi.

2. A segunda lapide sepulcral é mais singela do que a precedente:



Tem fórma quasi semi-cylindrica; não é escavada por baixo, nem, como disse, contém inscripção; apenas na face anterior tem um pequeno ornato ou symbolo, a modo de roseta. Conhecem-se muitas lapides funerarias romanas com ornatos ou symbolos analogos.

Esta lapide appareceu num quintal, na povoação de Caparide; cobria uma caixa feita de pedra, dentro da qual me disseram que havia ossos.

3. Grutas prehistoricas de Cascaes

Visitando as grutas prehistoricas do Poço-Velho (Cascaes) em Maio de 1895, vim de lá mal impressionado por as ver completamente abandonadas e desprezadas. Por esse motivo enviei ao Ex.^{mo} Presidente da Camara Municipal de Cascaes o seguinte officio (n.º 26, de 1895):

« Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Seguro como estou de que V. Ex.^a, pela sua illustração e dedicação, corresponderá ao appello que lhe faço em nome da sciencia, dirijo-me a V. Ex.^a chamando a sua attenção para um assumpto que, por interessar em geral ao nosso país e em especial ao concelho de cuja camara V. Ex.^a é muito digno presidente, creio merecerá o particular cuidado de V. Ex.^a »

Noz arrabaldes da villa de Cascaes ha umas grutas naturaes, denominadas do Poço-Velho, que foram exploradas e estudadas por Carlos Ribeiro, do que resultou vir a saber-se que ellas constituíam importantes e curiosos monumentos funerarios dos tempos prehistoricos. Nesse sentido visitaram-nas os sabios estrangeiros que vieram a Lisboa em 1880, por occasião da celebração do Congresso de Anthropologia e Archeologia prehistoricas. Ahi se acharam muitos objectos industriaes que hoje estão no museu da Direcção dos Trabalhos Geologicos.

Ora, estando sendo estas grutas muito mal tratadas pelo povo, tomo a liberdade de lembrar á Ex.^{ma} Camara da presidencia de V. Ex.^a, a conveniencia de não só se manterem limpas, mas tambem resguardadas por um gradeamento, tanto mais que o local se presta admiravelmente, as referidas grutas, que de futuro poderiam ser attractivo para o publico, como a afamada Bôca-do-Inferno. Em tal caso collocar-se-hia sobre a porta do gradeamento um distico, por exemplo — *Grutas prehistoricas do Poço-Velho*, que attestasse aos visitantes que o municipio de Cascaes se não esquecia de tributar ás gerações extinctas o respeito e veneração que merecem, pois d'ellas descendemos».

*

As grutas prehistoricas de Cascaes foram já objecto de estudos scientificos. Vide:

— Paula e Oliveira, in *Comunicações da Comissão Geologica*, II, 82 sqq.;

— *Compte rendu* do Congresso de Archeologia e Anthropologia celebrado em Lisboa em 1880, pag. 73.

J. L. DE V.